FACULDADE DE COLÍDER – FACIDER
MANTIDA PELA UNIÃO DAS FACULDADES DE MATO GROSSO - UNIFAMA

HELEN PLÁCIDO DE ALMEIDA

TELEFARMÁCIA NA GESTÃO DA FARMACOTERAPIA EM PACIENTES COM DOENÇAS CRÔNICAS: uma revisão integrativa

COLÍDER/MT
2026

HELEN PLÁCIDO DE ALMEIDA

TELEFARMÁCIA NA GESTÃO DA FARMACOTERAPIA EM PACIENTES COM DOENÇAS CRÔNICAS: uma revisão integrativa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Corpo Docente da Faculdade de Colíder - FACIDER, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Orientador: Saulo Gallina

Colíder/MT

2026

HELEN PLÁCIDO DE ALMEIDA

TELEFARMÁCIA NA GESTÃO DA FARMACOTERAPIA EM PACIENTES COM DOENÇAS CRÔNICAS: uma revisão integrativa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Corpo Docente da Faculdade de Colíder - FACIDER, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Farmacêutico.

Aprovado em 04 de novembro de 2026, com notas ____ e ____, pela banca examinadora.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Saulo Gallina - Orientador
Unifama/MT.

_____

Prof.ª Adelair Mendes - Coordenadora do curso de Farmácia
Unifama/MT.

_____

Prof.ª Débora Cristina Ramos Oliveira - Avaliadora - Membro convidada
Unifama/MT.

_____

Colíder
2026

Dedicatória: À minha mãe, por estar presente em cada etapa desta caminhada e por fazer parte, de forma tão essencial, de tudo o que me trouxe até aqui. Esta conquista carrega também a sua presença.

Dedico, ainda, àqueles que partiram antes de ver este momento chegar. A ausência não apaga o amor, nem diminui a importância que tiveram em minha história. Onde quer que estejam, levo comigo suas lembranças, seus ensinamentos e a certeza de que, de alguma forma, também fazem parte desta conquista.

Talvez seja isso que significa carregar alguém para sempre: seguir adiante sem deixar para trás aquilo que o amor construiu. Este trabalho é uma pequena parte da história que carrego comigo. E, entre tudo o que conquistei, vocês continuam sendo a minha maior herança.

AGRADECIMENTOS

Há conquistas que cabem em uma página, mas carregam consigo uma história inteira.

Concluir esta graduação é, para mim, olhar para trás e reconhecer cada passo que me trouxe até aqui. Foram anos de trabalho, estudos, quilômetros percorridos e muitos momentos em que precisei escolher seguir em frente, mesmo quando o caminho parecia difícil demais. Estudar em outra cidade me ensinou que alguns sonhos exigem coragem para serem vividos e perseverança para serem alcançados.

Agradeço, primeiramente, a **Deus**, por ter guiado meus passos durante essa caminhada e por me conceder força, sabedoria e coragem nos momentos em que mais precisei. Por ter cuidado de mim em cada caminho percorrido e por me permitir viver a realização deste sonho.

À **minha mãe**, meu agradecimento mais profundo.

Mãe, nenhuma palavra será suficiente para expressar o quanto sua presença foi importante para que eu chegasse até aqui. Obrigada por acreditar em mim, por me incentivar e por ser meu porto seguro nos dias bons e, principalmente, nos dias difíceis. Mesmo diante da distância, você esteve presente de tantas formas que nunca me senti verdadeiramente sozinha.

Se hoje celebro esta conquista, é porque, em muitos momentos, encontrei em você a força que precisava para continuar.

Esta vitória é minha, mas também é sua.

À minha **família, aos meus colegas, professores e orientador**, minha gratidão por todo carinho, apoio, incentivo e conhecimento compartilhado ao longo dessa trajetória. Cada pessoa, à sua maneira, contribuiu para que este momento se tornasse possível e deixou uma lembrança que levarei comigo.

Ao chegar ao fim desta etapa, percebo que o diploma representa muito mais do que uma formação acadêmica. Ele representa tudo o que precisei aprender, superar e transformar em mim para chegar até aqui.

Hoje, olho para trás com orgulho da pessoa que me tornei e com carinho pela menina que um dia começou esse caminho sem saber exatamente onde ele a levaria.

Agora ela sabe.

Nós conseguimos.

Com amor, orgulho e gratidão,

Helen Plácido de Almeida.

“Às vezes, nossa luz se apaga, mas é reacendida pelo encontro com outro ser humano.”

“Albert Schweitzer"

RESUMO

As doenças crônicas não transmissíveis demandam acompanhamento contínuo e manejo farmacoterapêutico prolongado, tornando essencial a atuação do farmacêutico na promoção do uso racional de medicamentos e no monitoramento terapêutico. Nesse contexto, a telefarmácia surge como estratégia capaz de ampliar o acesso aos serviços farmacêuticos, fortalecer a continuidade do cuidado e favorecer o acompanhamento remoto de pacientes. O presente estudo teve como objetivo analisar as evidências disponíveis na literatura acerca da atuação da telefarmácia na gestão da farmacoterapia em pacientes com doenças crônicas. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. As buscas foram realizadas nas bases de dados PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e SciELO, utilizando descritores relacionados à telefarmácia, cuidado farmacêutico e doenças crônicas. Após aplicação dos critérios de elegibilidade, foram selecionados 12 estudos para compor a amostra final. Os resultados evidenciaram que a telefarmácia contribui para melhoria da adesão ao tratamento, identificação precoce de Problemas Relacionados a Medicamentos (PRMs), fortalecimento do autocuidado e ampliação do acesso ao acompanhamento farmacoterapêutico, especialmente em populações vulneráveis e pacientes com dificuldade de deslocamento. Os estudos também demonstraram benefícios relacionados à continuidade do cuidado, satisfação dos usuários e potencial custo-efetividade dos serviços remotos. Entretanto, persistem desafios relacionados à infraestrutura tecnológica, exclusão digital, necessidade de capacitação profissional e padronização dos fluxos assistenciais. Conclui-se que a telefarmácia representa importante ferramenta para qualificação da gestão da farmacoterapia em pacientes com doenças crônicas, configurando-se como estratégia promissora para fortalecimento do cuidado farmacêutico clínico e ampliação do acesso à assistência em saúde.

Palavras-chave: Telefarmácia. Cuidado farmacêutico. Farmacoterapia. Doenças crônicas. Telemedicina.

ABSTRACT

Chronic non-communicable diseases require continuous monitoring and long-term pharmacotherapeutic management, making the pharmacist's role essential in promoting the rational use of medicines and therapeutic follow-up. In this context, telepharmacy emerges as a strategy capable of expanding access to pharmaceutical services, strengthening continuity of care, and supporting remote monitoring of patients. This study aimed to analyze the evidence available in the literature regarding the role of telepharmacy in pharmacotherapy management for patients with chronic diseases. This is an integrative literature review with a qualitative, descriptive, and exploratory approach. Searches were conducted in the PubMed, Virtual Health Library (VHL), and SciELO databases using descriptors related to telepharmacy, pharmaceutical care, and chronic diseases. After applying the eligibility criteria, 12 studies were selected for the final sample. The results showed that telepharmacy contributes to improved medication adherence, early identification of Medication-Related Problems (MRPs), strengthening of self-care, and expansion of access to pharmacotherapeutic follow-up, especially among vulnerable populations and patients with difficulties accessing in-person services. The studies also demonstrated benefits related to continuity of care, patient satisfaction, and the potential cost-effectiveness of remote services. However, challenges related to technological infrastructure, digital exclusion, professional training, and standardization of care workflows still remain. It is concluded that telepharmacy represents an important tool for improving pharmacotherapy management in patients with chronic diseases, constituting a promising strategy for strengthening clinical pharmaceutical care and expanding access to healthcare services.

Keywords: Telepharmacy. Pharmaceutical care. Pharmacotherapy. Chronic diseases. Telemedicine.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos estudos incluídos na revisão integrativa. 22

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos estudos sobre telefarmácia na gestão da farmacoterapia em pacientes com doenças crônicas 24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 OBJETIVOS 13
2.1 OBJETIVO GERAL 13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 13
3 REVISÃO DE LITERATURA 14
3.1 DOENÇAS CRÔNICAS E A COMPLEXIDADE DA GESTÃO DA FARMACOTERAPIA 14
3.2 TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA FARMACÊUTICA E NECESSIDADE DE NOVOS MODELOS ASSISTENCIAIS 15
3.3 TELEFARMÁCIA: FUNDAMENTOS, EXPANSÃO E INTEGRAÇÃO AO CUIDADO FARMACÊUTICO 16
3.4 APLICAÇÃO DA TELEFARMÁCIA NA GESTÃO DA FARMACOTERAPIA EM DOENÇAS CRÔNICAS 17
3.5 ADESÃO E DESFECHOS CLÍNICOS 19
3.6 DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A CONSOLIDAÇÃO DA TELEFARMÁCIA 20
4 METODOLOGIA 21
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO 23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 30
REFERÊNCIAS 31

1 INTRODUÇÃO

As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) configuram-se como um dos principais desafios em saúde, dada sua elevada prevalência e necessidade de manejo contínuo. Essas condições exigem acompanhamento de longo prazo e intervenções terapêuticas sustentadas, sendo responsáveis por grande parte da demanda assistencial nos serviços de saúde, além de impactarem significativamente a qualidade de vida dos indivíduos (WHO, 2021).

No contexto do tratamento dessas doenças, o uso de medicamentos constitui elemento central para o controle clínico e prevenção de complicações. Contudo, a complexidade dos esquemas terapêuticos, frequentemente associados à polifarmácia, favorece a ocorrência de problemas relacionados a medicamentos (PRMs), os quais podem comprometer a efetividade do tratamento e aumentar o risco de eventos adversos. Dessa forma, torna-se imprescindível o acompanhamento sistemático da farmacoterapia, com vistas à identificação e resolução desses problemas (Nakanishi *et al*., 2021).

A atuação do farmacêutico tem se consolidado como fundamental nesse processo, especialmente no âmbito do cuidado clínico, que envolve a avaliação contínua da farmacoterapia, a promoção do uso racional de medicamentos e o suporte ao paciente no manejo do tratamento. Entretanto, a efetividade dessas ações está diretamente relacionada à continuidade do acompanhamento, a qual ainda se apresenta como um desafio em muitos contextos assistenciais, onde o cuidado ocorre de maneira fragmentada e com baixa frequência de interação entre profissional e paciente (Silva *et al*., 2025).

Diante dessas limitações, a incorporação de tecnologias digitais tem possibilitado a reorganização das práticas em saúde, ampliando as possibilidades de acompanhamento e interação entre profissionais e pacientes. Nesse cenário, a telefarmácia surge como uma estratégia que permite a prestação de serviços farmacêuticos à distância, contribuindo para o monitoramento terapêutico, a orientação contínua e o fortalecimento do vínculo assistencial, especialmente em pacientes com doenças crônicas (De Guzman *et al*., 2024; Snoswell *et al*., 2025).

Apesar do avanço dessa prática e do crescente número de estudos publicados, ainda se observa variabilidade nos resultados relacionados à sua efetividade, especialmente no que se refere aos desfechos clínicos e à adesão ao tratamento. Assim, torna-se relevante reunir e analisar criticamente as evidências disponíveis na literatura, a fim de compreender o papel da telefarmácia na gestão da farmacoterapia em pacientes com doenças crônicas. Nesse sentido, este estudo justifica-se pela necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o tema,

contribuindo para o aprimoramento das práticas farmacêuticas e para a qualificação do cuidado em saúde (Diedrich; Dockweiler, 2021; Marte *et al*., 2024).

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as evidências disponíveis na literatura sobre a atuação da telefarmácia na gestão da farmacoterapia de pacientes com doenças crônicas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as estratégias de telefarmácia utilizadas no acompanhamento de pacientes com doenças crônicas.
- Descrever as intervenções farmacêuticas realizadas por meio da telefarmácia na gestão da farmacoterapia.
- Avaliar os impactos da telefarmácia na adesão ao tratamento medicamentoso e nos desfechos clínicos.
- Analisar as potencialidades e limitações da telefarmácia na prática clínica farmacêutica.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 DOENÇAS CRÔNICAS E A COMPLEXIDADE DA GESTÃO DA FARMACOTERAPIA

O aumento da prevalência das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) tem contribuído para desafios relevantes nos sistemas de saúde, especialmente no que se refere à necessidade de acompanhamento contínuo e manejo terapêutico de longo prazo. Condições como diabetes mellitus, hipertensão arterial sistêmica, doenças cardiovasculares e doenças respiratórias crônicas demandam intervenções prolongadas, com monitoramento frequente e ajustes terapêuticos progressivos, o que eleva a complexidade do cuidado (WHO, 2021).

Nesse cenário, a farmacoterapia assume papel central na condução clínica desses pacientes, sendo responsável pela maior parte das intervenções terapêuticas utilizadas para controle das condições crônicas. No entanto, a dependência de regimes medicamentosos prolongados e frequentemente múltiplos, caracterizando a polifarmácia, eleva o risco de eventos adversos, interações medicamentosas, duplicidade terapêutica e falhas no tratamento, refletindo nos chamados problemas relacionados a medicamentos (PRMs) (Nakanishi *et al*., 2021).

A literatura evidencia que a presença de PRMs está diretamente associada a piores desfechos clínicos, aumento de hospitalizações e elevação dos custos em saúde, reforçando a necessidade de acompanhamento sistemático da farmacoterapia. Nesse contexto, a atuação do farmacêutico torna-se essencial, não apenas na dispensação de medicamentos, mas na condução de processos clínicos voltados à avaliação contínua da efetividade e segurança do tratamento (Silva *et al*., 2025).

A gestão da farmacoterapia, portanto, deve ser compreendida como um processo dinâmico e contínuo, que envolve a análise crítica do regime terapêutico, a identificação de PRMs, a monitorização de parâmetros clínicos e laboratoriais, além da promoção da adesão ao tratamento. Intervenções farmacêuticas estruturadas são capazes de melhorar significativamente o controle clínico de pacientes com doenças crônicas, especialmente quando associadas a estratégias de acompanhamento contínuo (Nakanishi *et al*., 2021).

Entretanto, um dos principais desafios observados na prática clínica refere-se à descontinuidade desses serviços. Evidências indicam que, quando o acompanhamento farmacoterapêutico é interrompido, há declínio nos parâmetros clínicos previamente

controlados, evidenciando que os benefícios das intervenções farmacêuticas dependem diretamente de sua continuidade (Silva *et al*., 2025).

Além dos aspectos clínicos, a gestão da farmacoterapia também envolve dimensões comportamentais, como a adesão ao tratamento e o nível de compreensão do paciente sobre seu regime medicamentoso. A baixa adesão é reconhecida como uma das principais causas de falha terapêutica em doenças crônicas, sendo influenciada por fatores como complexidade do tratamento, efeitos adversos, esquecimento e dificuldades de acesso aos serviços de saúde (Diedrich; Dockweiler, 2021).

Diante desse contexto, torna-se evidente que a gestão eficaz da farmacoterapia exige modelos assistenciais capazes de garantir acompanhamento longitudinal, acessível e centrado no paciente. Nesse sentido, estratégias inovadoras que ampliem o alcance da atuação farmacêutica e favoreçam a continuidade do cuidado tornam-se fundamentais, destacando-se, entre elas, a telefarmácia.

3.2 TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA FARMACÊUTICA E NECESSIDADE DE NOVOS MODELOS ASSISTENCIAIS

A evolução da prática farmacêutica nas últimas décadas tem sido marcada pela transição de um modelo centrado no produto para um modelo centrado no paciente, no qual o farmacêutico assume responsabilidade direta pelos resultados da farmacoterapia. Esse movimento, consolidado a partir do conceito de cuidado farmacêutico, redefine o papel do profissional e amplia seu escopo de atuação clínica (Costa *et al*., 2024).

No contexto atual, o farmacêutico passa a atuar de forma integrada às equipes de saúde, desenvolvendo atividades como revisão da farmacoterapia, acompanhamento clínico, monitoramento de parâmetros laboratoriais e educação em saúde. Essas intervenções têm demonstrado impacto positivo na melhoria dos desfechos clínicos, especialmente em pacientes com doenças crônicas, nos quais a complexidade terapêutica exige acompanhamento contínuo (Nakanishi *et al*., 2021).

No Brasil, essa mudança de paradigma encontra respaldo em políticas públicas, como a Política Nacional de Assistência Farmacêutica (PNAF), que reconhece a assistência farmacêutica como parte integrante das ações de saúde e orienta sua atuação para a promoção do uso racional de medicamentos e melhoria dos resultados terapêuticos (Brasil, 2004). Complementarmente, a Estratégia de Saúde Digital para o Brasil reforça a incorporação de

tecnologias como ferramentas para qualificar o cuidado e ampliar o acesso aos serviços (Brasil, 2020).

Apesar desses avanços normativos, a implementação do cuidado farmacêutico ainda apresenta fragilidades na prática cotidiana. Em muitos serviços, a atuação clínica do farmacêutico ocorre de forma pontual, frequentemente vinculada a projetos de pesquisa ou iniciativas isoladas, sem garantia de continuidade. Essa limitação compromete a efetividade das intervenções e dificulta a consolidação de modelos assistenciais sustentáveis (Silva *et al*., 2025).

A necessidade de acompanhamento contínuo, sobretudo em pacientes com doenças crônicas, evidencia limitações importantes dos modelos de cuidado baseados exclusivamente no atendimento presencial. Na prática, fatores como dificuldade de acesso aos serviços, barreiras geográficas, sobrecarga das unidades de saúde e a ausência de um acompanhamento regular contribuem para a fragmentação do cuidado e comprometem a efetividade das intervenções farmacêuticas (Como *et al*., 2020).

Diante desse cenário, torna-se necessário repensar a organização do cuidado, buscando alternativas que possibilitem maior proximidade entre o profissional e o paciente, mesmo fora do ambiente presencial. Nesse sentido, o uso de tecnologias digitais vem se consolidando como uma estratégia viável para ampliar o acesso, favorecer o acompanhamento contínuo e fortalecer o cuidado farmacêutico, inserindo-se como base para o desenvolvimento e expansão da telefarmácia.

3.3 TELEFARMÁCIA: FUNDAMENTOS, EXPANSÃO E INTEGRAÇÃO AO CUIDADO FARMACÊUTICO

A telefarmácia é definida como a prestação de serviços farmacêuticos à distância, mediada por tecnologias de informação e comunicação, com o objetivo de garantir acesso ao cuidado, promover o uso racional de medicamentos e otimizar a gestão da farmacoterapia. Essa prática integra o campo da telemedicina e tem sido incorporada como estratégia para responder às demandas dos sistemas de saúde (De Guzman *et al*., 2024).

Os modelos de telefarmácia apresentam-se de forma diversa, abrangendo tanto consultas síncronas, como atendimentos por telefone e videoconferências, quanto intervenções assíncronas, tais como o emprego de aplicativos móveis, envio de mensagens e sistemas de monitoramento remoto. A literatura indica que as modalidades síncronas, em particular as

consultas telefônicas, predominam em uso, em razão da sua acessibilidade e da facilidade de implementação (Snoswell *et al*., 2025).

A implementação da telefarmácia foi acelerada pela pandemia de COVID-19, a qual demandou rápida reorganização dos serviços de saúde para assegurar a continuidade do cuidado. Nesse cenário, farmacêuticos passaram a empregar tecnologias digitais para efetuar o acompanhamento remoto de pacientes, sobretudo daqueles com doenças crônicas, considerados mais suscetíveis às interrupções no cuidado (Segal *et al*., 2020; Como *et al*., 2020).

A adesão aos serviços de telefarmácia permite a manutenção do acompanhamento farmacoterapêutico durante períodos de restrição, além de possibilitar a ampliação do acesso em populações com limitações geográficas. Como em áreas rurais onde a utilização de teleatendimento farmacêutico mostrou-se eficaz na oferta de cuidados a populações que por momentos estive desassistida, contribuindo para a melhoria dos resultados em saúde (Como *et al*., 2020).

Além disso, a telefarmácia tem possibilitado a ampliação da atuação do farmacêutico, permitindo sua inserção em programas de manejo de doenças crônicas, acompanhamento de terapias complexas e participação ativa em equipes multiprofissionais. Experiências vivenciadas durante a pandemia demonstraram a capacidade dos farmacêuticos de ajustar com rapidez suas práticas, ao instituir protocolos clínicos, sistemas de monitoramento e estratégias de acompanhamento remoto (Do *et al*., 2021).

À integração da telefarmácia com novas tecnologias, como inteligência artificial e plataformas de farmacovigilância digital, surge como um campo relevância, atuando na ampliação da capacidade de monitoramento de eventos adversos e contribuindo para a segurança do paciente. Essas inovações representam um avanço significativo na gestão da farmacoterapia, permitindo intervenções mais precisas e baseadas em dados (Edrees *et al*., 2022).

3.4 APLICAÇÃO DA TELEFARMÁCIA NA GESTÃO DA FARMACOTERAPIA EM DOENÇAS CRÔNICAS

A telefarmácia tem se mostrado uma alternativa importante no cuidado de pacientes com doenças crônicas, principalmente quando se pensa nas limitações do modelo tradicional, que muitas vezes não consegue garantir um acompanhamento contínuo. Como essas condições exigem atenção constante e ajustes ao longo do tempo, a possibilidade de manter contato com

o farmacêutico, mesmo à distância, acaba facilitando esse acompanhamento e permitindo uma atuação mais próxima da realidade do paciente (Rocha; Toma, 2023).

Nesse cenário, a telefarmácia possibilita a realização de atividades essenciais para a gestão da farmacoterapia, como a revisão do uso de medicamentos, a identificação de problemas relacionados a medicamentos (PRMs), o acompanhamento de parâmetros clínicos e o reforço das orientações ao paciente. Com isso, o cuidado passa a ocorrer de forma mais contínua e próxima, favorecendo maior segurança no uso dos medicamentos e melhores resultados no tratamento (Yoshiga *et al*., 2025).

Evidências demonstram que a atuação farmacêutica mediada por tecnologias digitais é capaz de melhorar o acompanhamento de pacientes com doenças crônicas, sobretudo quando inserida em programas estruturados de cuidado. Em populações vulneráveis, como pacientes residentes em áreas rurais ou com acesso limitado aos serviços de saúde, a telefarmácia tem se mostrado particularmente eficaz na redução de lacunas assistenciais, contribuindo para maior continuidade do cuidado e melhor acompanhamento terapêutico (Como *et al*., 2020).

Outro aspecto relevante diz respeito à capacidade da telefarmácia de promover maior proximidade entre farmacêutico e paciente. A interação frequente, mesmo que mediada por tecnologia, favorece o desenvolvimento de vínculo terapêutico, elemento fundamental para a adesão ao tratamento e para a identificação de dificuldades relacionadas ao uso de medicamentos. Esse vínculo possibilita que o farmacêutico atue de forma mais individualizada, ajustando orientações conforme as necessidades e particularidades de cada paciente (Queiroz *et al*., 2021).

Além disso, a telefarmácia possibilita a integração com estratégias de monitoramento remoto, como aferição domiciliar de pressão arterial e glicemia. As intervenções farmacêuticas associadas ao telemonitoramento apresentam maior impacto nos desfechos clínicos quando comparadas a intervenções isoladas, evidenciando que a combinação de tecnologias pode potencializar os resultados terapêuticos (Nakanishi *et al*., 2021).

Em serviços de atenção ambulatorial, a implementação de clínicas farmacêuticas via telemedicina tem permitido a continuidade do acompanhamento de pacientes com diabetes, hipertensão e dislipidemias, sem prejuízo da qualidade do cuidado. Embora nem sempre haja diferença significativa em parâmetros clínicos quando comparado ao atendimento presencial, observa-se melhora na adesão às consultas e maior regularidade no acompanhamento (Marte *et al*., 2024).

Cabe destacar ainda que a telefarmácia amplia o campo de atuação do farmacêutico ao possibilitar sua inserção em programas de manejo de condições específicas, como asma e

doenças reumatológicas. Intervenções farmacêuticas realizadas por meio de teleatendimento demonstraram melhora na qualidade de vida, no controle da doença e na compreensão do tratamento, especialmente quando estruturadas de forma contínua e com acompanhamento sistemático (Shdaifat; Khasawneh; Alefan, 2022; Park *et al*., 2022).

Dessa forma, a aplicação da telefarmácia na gestão da farmacoterapia em doenças crônicas representa um avanço importante na organização do cuidado, permitindo maior frequência de acompanhamento, intervenções mais oportunas e melhor alinhamento entre as necessidades do paciente e as estratégias terapêuticas adotadas.

3.5 ADESÃO E DESFECHOS CLÍNICOS

A literatura evidencia que a telefarmácia apresenta impacto consistente na adesão ao tratamento medicamentoso, especialmente em pacientes com doenças crônicas. A possibilidade de acompanhamento remoto favorece o esclarecimento de dúvidas, o reforço de orientações e a identificação precoce de dificuldades relacionadas ao uso de medicamentos, contribuindo para maior engajamento do paciente no processo terapêutico (Diedrich; Dockweiler, 2021).

Esse efeito positivo na adesão está associado à maior frequência de contato entre farmacêutico e paciente, bem como à redução de barreiras de acesso aos serviços de saúde. A flexibilidade proporcionada pelo teleatendimento permite intervenções mais oportunas, reduzindo a ocorrência de interrupções no tratamento e uso inadequado de medicamentos (Rocha; Toma, 2023).

Em relação aos desfechos clínicos, os resultados apresentam variabilidade. Parte dos estudos demonstra melhorias em parâmetros como pressão arterial, controle glicêmico e qualidade de vida, sobretudo quando as intervenções incluem monitoramento remoto associado à atuação farmacêutica (Nakanishi *et al*., 2021; Yip *et al*., 2024). Outra pesquisa indicou que os atendimentos por telefarmácia apresentam desfechos comparáveis aos observados no atendimento presencial, apontando que a telefarmácia pode constituir alternativa equivalente em contextos específicos (Marte *et al*., 2024).

De modo geral, verifica-se que, quando o acompanhamento é mais contínuo e organizado, os desfechos tendem a apresentar melhor desempenho. Apesar das divergências entre os estudos, a telefarmácia mantém-se como uma estratégia capaz de favorecer a adesão ao tratamento e a continuidade do cuidado farmacêutico.

3.6 DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A CONSOLIDAÇÃO DA TELEFARMÁCIA

Apesar dos avanços, a implementação da telefarmácia ainda encontra alguns obstáculos que podem dificultar sua ampliação. Um dos principais está relacionado à necessidade de estrutura adequada, como acesso à internet e disponibilidade de dispositivos digitais, o que nem sempre está presente em todas as realidades, especialmente entre populações mais vulneráveis (Snoswell *et al*., 2025).

Além disso, a implementação da telefarmácia exige que os profissionais se adaptem a novas formas de atuação. Não se trata apenas de saber usar as ferramentas tecnológicas, mas também de ajustar a forma de se comunicar e acompanhar o paciente, já que esse contato acontece em um contexto diferente do presencial. Questões como segurança da informação e confidencialidade dos dados também precisam ser consideradas, exigindo atenção e organização dos serviços (Diedrich; Dockweiler, 2021).

Mesmo com esses desafios, as evidências indicam que a telefarmácia tem potencial para contribuir na gestão da farmacoterapia, especialmente em pacientes com doenças crônicas. Para que isso aconteça de forma efetiva, ainda é necessário avançar na integração com os serviços de saúde, além de enfrentar algumas limitações estruturais e organizar melhor a forma como esse cuidado é ofertado.

4 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, cujo propósito consistiu em reunir e analisar evidências científicas acerca da atuação da telefarmácia na gestão da farmacoterapia de pacientes com doenças crônicas. A revisão integrativa possibilitou a síntese de resultados provenientes de diferentes estudos, permitindo uma compreensão ampliada do fenômeno investigado (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

A pesquisa caracterizou-se como de natureza básica, uma vez que teve como objetivo gerar conhecimentos a partir da análise da literatura científica existente, sem intervenção direta na realidade estudada (Gerhardt; Silveira, 2009). A abordagem qualitativa justificou-se pela busca em compreender e interpretar os achados disponíveis na literatura, considerando seus significados, contextos e contribuições para a prática em saúde (Minayo, 2014).

A partir disso, definiu-se como questão norteadora da pesquisa: "Quais são as evidências científicas disponíveis sobre a atuação da telefarmácia na gestão da farmacoterapia de pacientes com doenças crônicas?"

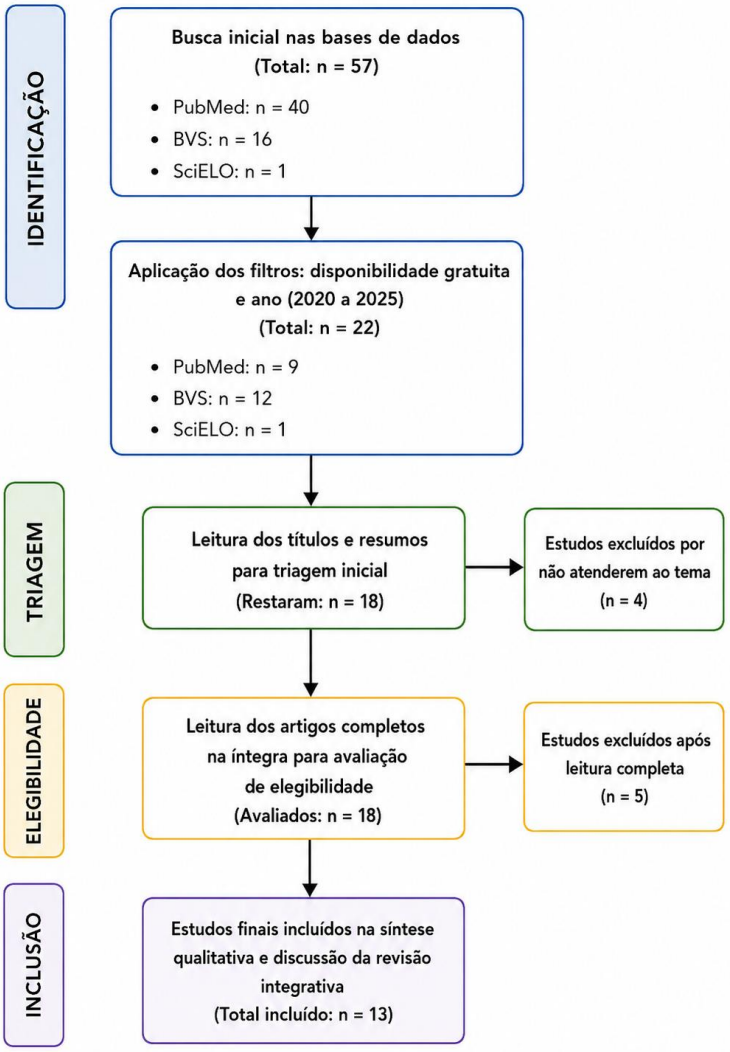
A busca dos estudos foi realizada nas bases de dados PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), considerando o período de 2020 a 2025, com o objetivo de reunir produções científicas recentes e alinhadas às transformações no uso de tecnologias digitais em saúde.

Para a estratégia de busca, foram utilizados Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e seus correspondentes em inglês, incluindo os termos: "Telefarmácia", "Telemedicina", "Assistência Farmacêutica", "Gestão da Farmacoterapia" e "Doenças Crônicas". Esses descritores foram combinados por meio dos operadores booleanos "AND" e "OR", possibilitando a ampliação e o refinamento dos resultados.

Foram incluídos artigos científicos disponíveis na íntegra (como ensaios clínicos, revisões e relatos de experiência), publicados nos idiomas português, inglês ou espanhol, que abordavam a atuação da telefarmácia ou intervenções farmacêuticas mediadas por tecnologias digitais no contexto de doenças crônicas. Optou-se, também, por incluir protocolos de estudos clínicos e artigos de comentário científico que descrevessem a implementação prática de tecnologias inovadoras (como aplicativos móveis) ou experiências de reorganização de serviços durante a pandemia de COVID-19, dada a alta relevância desses dados para a prática clínica atual. Foram excluídos apenas editoriais curtos, cartas ao leitor, duplicatas e estudos que não apresentavam relação direta com a questão norteadora.

O processo de seleção ocorreu em etapas, iniciando-se pela leitura de títulos e resumos, seguida da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e, posteriormente, da leitura na íntegra dos estudos selecionados. Para demonstrar de forma clara esse percurso metodológico de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão, utilizou-se um fluxograma baseado no modelo PRISMA adaptado à proposta da revisão integrativa, o qual pode ser visualizado na Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos estudos incluídos na revisão integrativa.



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Após a etapa de seleção, procedeu-se à organização dos dados por meio da elaboração de um quadro síntese, contendo as informações essenciais dos estudos incluídos: autor, ano, objetivo, método e resultados. Por fim, a análise das evidências ocorreu de forma qualitativa, buscando identificar padrões, convergências e os principais achados relacionados à atuação da telefarmácia na gestão da farmacoterapia, o que permitiu discutir as suas contribuições, limitações e implicações para a prática clínica.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da estratégia de busca adotada e da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, foram selecionados 12 estudos científicos para compor esta revisão integrativa. Os artigos analisados permitiram compreender as principais estratégias de telefarmácia utilizadas no acompanhamento de pacientes com doenças crônicas, bem como seus impactos clínicos, assistenciais e organizacionais. Para melhor sistematização dos dados, elaborou-se o Quadro 1, contendo autoria, ano, objetivo, método e principais resultados dos estudos incluídos.

Quadro 1 – Caracterização dos estudos sobre telefarmácia na gestão da farmacoterapia em pacientes com doenças crônicas

Autor(es) e Ano	Objetivo do Estudo	Método	Principais Resultados
Segal et al. (2020)	Descrever o processo de aceleração e implementação de serviços de telessaúde farmacêutica em clínicas ambulatoriais durante a pandemia de COVID-19.	Relato de experiência / Estudo descritivo.	A telefarmácia ofereceu uma maneira segura e eficaz de continuar o cuidado de alto nível; permitiu flexibilidade de agendamento e melhoria na comunicação com pacientes crônicos e oncológicos, apesar de desafios tecnológicos.
Queiroz et al. (2021)	Implementar o serviço de teleacompanhamento farmacêutico para prestação de autocuidado apoiado em pessoas com Diabetes Mellitus (DM).	Relato de experiência.	As ligações telefônicas foram viáveis para avaliar a adesão e estimular hábitos saudáveis. O serviço é viável, embora enfrente desafios como dados cadastrais desatualizados e perda de seguimento.
Do et al. (2021)	Discutir os objetivos e estratégias de uma equipe de ação ambulatorial farmacêutica para limitar o atendimento presencial não emergencial durante a pandemia.	Relato de experiência / Estudo descritivo.	Sucesso na transição de 15 clínicas para a telessaúde. Houve expansão do envolvimento do farmacêutico no manejo de doenças crônicas (como uso de varfarina) e facilitação do acesso a medicamentos.
Pantasri (2022)	Fornece uma revisão sobre os papéis novos e emergentes adotados por farmacêuticos comunitários durante a pandemia de COVID-19.	Revisão de escopo.	A pandemia expandiu as funções para serviços de telefarmácia, cuidado ambulatorial, coordenação digital de entregas de medicamentos crônicos e educação pública. O modelo remoto aumentou o acesso de populações vulneráveis.
Rocha e Toma (2023)	Analisar perspectivas para a provisão remota de serviços clínicos por farmacêuticos no cuidado de pessoas com infecções crônicas transmissíveis.	Revisão de escopo.	As iniciativas de telefarmácia são altamente satisfatórias para profissionais e usuários. Mostraram impacto positivo na adesão ao tratamento e redução de custos, embora existam barreiras como a desigualdade de acesso digital.
Costa et al. (2024)	Investigar a evolução da Farmácia Clínica e o papel do farmacêutico na gestão integrada da saúde, com foco na abordagem centrada no paciente.	Revisão sistemática integrativa.	A colaboração multidisciplinar e a personalização do cuidado são essenciais. A integração do farmacêutico melhora a eficácia dos tratamentos, com a telefarmácia/integração gerando resultados clínicos mais positivos.
De Guzman et al. (2024)	Fornece uma síntese narrativa das evidências econômicas disponíveis sobre serviços de telefarmácia em cenários não oncológicos.	Revisão Sistemática (Estudos de avaliação econômica).	Há evidências emergentes de que a telefarmácia (consultas por telefone e monitoramento remoto) é custo-efetiva em comparação ao cuidado padrão,

			especialmente quando se considera a redução de viagens e ganhos de produtividade do paciente.
Yoshiga et al. (2025)	Descrever a implementação de orientação farmacêutica na transição de cuidado (alta e pós-alta) para pacientes submetidos ao transplante hepático.	Estudo prospectivo descritivo (grupo único).	70,59% dos pacientes preferiram a teleconsulta. A taxa média de adesão foi alta (92,48%). O serviço foi capaz de identificar precocemente Problemas Relacionados a Medicamentos (PRMs), especialmente de acesso.
Snoswell et al. (2025)	Resumir os modelos de cuidados síncronos de telefarmácia para pacientes adultos ambulatoriais desde junho de 2016 e relatar seus efeitos.	Revisão Sistemática.	Serviços via telefone (87%) e vídeo (13%) forneceram cuidado igual ou superior ao presencial. Melhoraram a acessibilidade, com os principais facilitadores sendo o suporte técnico, a alfabetização digital e o treinamento.
Silva et al. (2025)	Analisar de forma crítica os efeitos da interrupção/falta de continuidade do serviço de Cuidado Farmacêutico.	Manuscrito de Comentário.	A falta de continuidade no acompanhamento (como após a alta) gera declínio nos parâmetros clínicos (ex: piora da HbA1c e pressão arterial). O cuidado farmacêutico deve ser uma prática contínua no "mundo real".
Como et al. (2020)	Compartilhar como farmacêuticos ambulatoriais utilizaram a telessaúde para manter serviços e o manejo de doenças crônicas em populações rurais.	Artigo de Comentário.	A telessaúde superou barreiras culturais e de proximidade. Pacientes receberam intervenções consistentes (Gerenciamento da Terapia Medicamentosa - MTM), garantindo a continuidade do cuidado apesar do isolamento.
Park et al. (2022)	Analisar o efeito de um serviço de telefarmácia com aplicativo móvel customizado em comparação com o cuidado usual nos resultados de pacientes com Artrite Reumatoide (AR).	Protocolo de Estudo (Ensaio Clínico Randomizado Controlado).	Trata-se do desenho metodológico para usar o aplicativo "MediRA", que testará a eficácia do telemonitoramento mensal versus o cuidado usual.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A análise da literatura demonstra que a telefarmácia vem se consolidando como importante ferramenta para reorganização do cuidado farmacêutico, especialmente em contextos que demandam acompanhamento contínuo da farmacoterapia. Embora parte das experiências já estivesse em desenvolvimento antes da pandemia de COVID-19, observa-se que a emergência sanitária acelerou significativamente a incorporação de tecnologias digitais aos serviços farmacêuticos, impulsionando novos modelos de cuidado remoto (Do et al., 2021; Pantasri, 2022).

Nesse cenário, a necessidade de reduzir atendimentos presenciais sem comprometer a continuidade terapêutica levou diferentes serviços de saúde a estruturarem rapidamente estratégias de telemonitoramento e teleconsulta farmacêutica. Os estudos de Segal et al. (2020) e Do et al. (2021) demonstram que essa reorganização permitiu manter o acompanhamento clínico de pacientes com doenças crônicas e condições de alta complexidade, assegurando continuidade assistencial mesmo em períodos de restrição sanitária. Mais do que uma alternativa emergencial, os autores evidenciam que a telefarmácia ampliou a capacidade de atuação clínica do farmacêutico, incluindo educação em saúde, manejo de anticoagulação, revisão da farmacoterapia e gerenciamento terapêutico contínuo.

Observa-se, portanto, uma mudança importante no papel do farmacêutico dentro das equipes multiprofissionais. A prática farmacêutica deixa de estar centrada exclusivamente na dispensação de medicamentos e passa a incorporar atividades clínicas mais abrangentes, fundamentadas no monitoramento contínuo e na assistência centrada no paciente. Essa transformação também é discutida por Costa et al. (2024), que ressaltam que a evolução da Farmácia Clínica está diretamente associada à personalização do cuidado e à maior integração do farmacêutico nos processos assistenciais.

Em relação aos modelos de atendimento remoto, os estudos demonstram predominância das modalidades síncronas, especialmente consultas realizadas por telefone. A revisão sistemática conduzida por Snoswell et al. (2025) identificou que aproximadamente 87% dos serviços de telefarmácia utilizam ligações telefônicas como principal ferramenta de comunicação, enquanto as videochamadas representam cerca de 13% das intervenções. Embora o telefone apresente maior acessibilidade e menor necessidade de infraestrutura tecnológica, os autores destacam que as consultas por vídeo oferecem vantagens adicionais, como avaliação visual do paciente, demonstração de técnicas de uso de medicamentos e fortalecimento do vínculo profissional-paciente.

Além das modalidades tradicionais, alguns estudos apontam avanço no uso de tecnologias mais sofisticadas para acompanhamento farmacoterapêutico. Park et al. (2022), ao desenvolverem protocolo para utilização do aplicativo MediRA em pacientes com artrite reumatoide, evidenciam uma tendência crescente de integração entre telefarmácia e saúde digital. O uso de aplicativos móveis, lembretes automatizados e plataformas interativas demonstra potencial para ampliar a adesão ao tratamento e favorecer monitoramento terapêutico mais individualizado.

No contexto das doenças crônicas, os estudos analisados mostram que a telefarmácia apresenta impacto relevante sobre adesão medicamentosa, identificação precoce de Problemas Relacionados a Medicamentos (PRMs) e fortalecimento do autocuidado. Queiroz et al. (2021), ao implementarem um serviço de teleacompanhamento farmacêutico em pacientes com Diabetes Mellitus, observaram que as ligações telefônicas periódicas permitiram monitorar a adesão ao tratamento, estimular hábitos saudáveis e orientar os pacientes quanto ao manejo terapêutico. Embora tenham sido identificadas limitações operacionais, como dados cadastrais desatualizados e dificuldades de seguimento, os autores demonstram que intervenções remotas simples podem exercer impacto significativo no cuidado contínuo.

Resultados semelhantes foram encontrados por Yoshiga et al. (2025), que descreveram a implementação de consultas farmacêuticas pós-alta para pacientes submetidos ao transplante hepático. O estudo identificou elevada taxa média de adesão medicamentosa (92,48%), além de alta aceitação da teleconsulta pelos usuários. Os autores observaram que o acompanhamento remoto possibilitou identificação precoce de PRMs, principalmente relacionados à dificuldade de acesso aos medicamentos, demonstrando que a telefarmácia pode atuar não apenas no monitoramento do uso correto da farmacoterapia, mas também na identificação de barreiras que comprometem a efetividade terapêutica.

A importância da continuidade do cuidado farmacêutico também foi amplamente evidenciada na literatura analisada. Como et al. (2020) demonstraram que a telessaúde foi fundamental para garantir assistência farmacêutica em populações rurais e medicamente desassistidas, superando barreiras geográficas e mantendo o gerenciamento da terapia medicamentosa durante o isolamento social. Esses achados reforçam o potencial da telefarmácia para ampliação do acesso aos serviços de saúde, especialmente em contextos de vulnerabilidade social e limitação de acesso presencial.

Entretanto, os benefícios observados dependem diretamente da manutenção do acompanhamento farmacoterapêutico ao longo do tempo. Silva et al. (2025) alertam que a interrupção do cuidado farmacêutico pode resultar em piora significativa de parâmetros clínicos

e laboratoriais em pacientes com doenças crônicas, evidenciando que o cuidado farmacêutico não deve ocorrer de forma pontual ou exclusivamente vinculada a projetos de pesquisa. Assim, os autores defendem que a telefarmácia seja incorporada como estratégia permanente nos serviços de saúde, favorecendo acompanhamento longitudinal e maior estabilidade clínica dos pacientes.

Além dos benefícios clínicos e assistenciais, os estudos também apontam vantagens econômicas relacionadas à implementação da telefarmácia. A revisão sistemática de De Guzman et al. (2024) identificou evidências emergentes de custo-efetividade em serviços farmacêuticos remotos, especialmente devido à redução de deslocamentos, economia de tempo e diminuição de perdas de produtividade dos pacientes. Embora a implementação desses serviços exija investimento em infraestrutura tecnológica e capacitação profissional, os resultados sugerem que a telefarmácia pode representar estratégia sustentável para sistemas de saúde que enfrentam crescimento progressivo das doenças crônicas e aumento da demanda assistencial.

Apesar das potencialidades identificadas, a literatura também evidencia limitações importantes para consolidação da telefarmácia na prática clínica. Rocha e Toma (2023) destacam que a desigualdade no acesso às tecnologias digitais, a baixa alfabetização digital e a limitação de acesso à internet ainda representam obstáculos significativos para implementação dos serviços remotos. Essas barreiras tornam-se ainda mais relevantes em populações socialmente vulneráveis, idosos e indivíduos com menor escolaridade.

Do ponto de vista institucional, Segal et al. (2020) e Snoswell et al. (2025) ressaltam que a implementação da telefarmácia exige reorganização dos fluxos assistenciais, treinamento das equipes, adaptação de plataformas digitais e desenvolvimento de novas competências profissionais relacionadas à comunicação virtual e ao manejo das tecnologias digitais. Além disso, questões relacionadas à segurança de dados, confidencialidade das informações e padronização dos protocolos de atendimento ainda representam desafios importantes para expansão dos serviços.

De forma integrada, os resultados desta revisão demonstram que a telefarmácia apresenta potencial significativo para qualificação da gestão da farmacoterapia em pacientes com doenças crônicas. Os estudos analisados evidenciam melhora na adesão medicamentosa, fortalecimento do acompanhamento clínico, identificação precoce de PRMs, ampliação do acesso aos serviços farmacêuticos e fortalecimento da atuação clínica do farmacêutico.

Contudo, para que a telefarmácia seja efetivamente consolidada como estratégia permanente de cuidado, torna-se necessário investir em infraestrutura tecnológica, inclusão

digital, capacitação profissional e formulação de políticas públicas que favoreçam integração dessas práticas aos sistemas de saúde. Dessa forma, a telefarmácia deixa de ser compreendida apenas como solução emergencial e passa a representar uma importante evolução na assistência farmacêutica contemporânea, contribuindo para promoção do uso racional de medicamentos, continuidade do cuidado e qualificação da atenção às doenças crônicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos estudos incluídos nesta revisão integrativa, foi possível identificar que a telefarmácia apresenta importante potencial para qualificação da gestão da farmacoterapia em pacientes com doenças crônicas. Os resultados evidenciaram que os serviços farmacêuticos remotos favorecem a continuidade do cuidado, ampliam o acesso à assistência farmacêutica e contribuem para o monitoramento terapêutico contínuo, especialmente em indivíduos com dificuldades de acesso ao acompanhamento presencial.

As evidências analisadas demonstraram benefícios relacionados à melhora da adesão medicamentosa, identificação precoce de Problemas Relacionados a Medicamentos (PRMs), fortalecimento do autocuidado e maior proximidade entre farmacêutico e paciente. Além disso, a telefarmácia mostrou-se relevante na reorganização dos serviços de saúde, permitindo a manutenção do acompanhamento clínico mesmo em cenários adversos, como durante a pandemia de COVID-19.

Observou-se também que a atuação do farmacêutico vem assumindo caráter cada vez mais clínico e integrado às equipes multiprofissionais, utilizando tecnologias digitais como ferramenta de suporte ao cuidado centrado no paciente. Nesse contexto, a telefarmácia ultrapassa a função de alternativa temporária ao atendimento presencial e passa a representar uma estratégia complementar capaz de fortalecer o acompanhamento longitudinal da farmacoterapia.

Apesar das potencialidades identificadas, os estudos apontaram desafios importantes para consolidação dessa prática, incluindo limitações de infraestrutura tecnológica, desigualdade no acesso às ferramentas digitais e necessidade de capacitação contínua dos profissionais. Dessa forma, conclui-se que a telefarmácia constitui estratégia promissora para o acompanhamento farmacoterapêutico de pacientes com doenças crônicas, contribuindo para promoção do uso racional de medicamentos, qualificação da assistência em saúde e fortalecimento do cuidado farmacêutico contínuo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 338, de 6 de maio de 2004**. Aprova a Política Nacional de Assistência Farmacêutica. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 maio 2004. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2004/res0338_06_05_2004.html Acesso em: 20 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estratégia de Saúde Digital para o Brasil 2020–2028**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estrategia_saude_digital_Brasil.pdf Acesso em: 20 mar. 2026.

COMO, Madison *et al*. Pharmacist-Led Chronic Care Management for Medically Underserved Rural Populations in Florida During the COVID-19 Pandemic. **Prev Chronic Dis**, *[S. l.]*, v. 17, p. E74–E74, 2020. DOI: 10.5888/pcd17.200265.

COSTA, Cleber Nonato Macedo *et al*. Tendências e desafios na evolução da farmácia clínica: o papel crescente do farmacêutico na gestão da saúde. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, *[S. l.]*, v. 10, n. 3, p. 27–37, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i3.12910.

DE GUZMAN, Keshia R *et al*. Economic evaluations of telepharmacy services in non-cancer settings: A systematic review. **Research in social & administrative pharmacy: RSAP**, *[S. l.]*, v. 20, n. 3, p. 246–254, 2024. DOI: 10.1016/j.sapharm.2024.01.002.

DIEDRICH, Leonie; DOCKWEILER, Christoph. Video-based teleconsultations in pharmaceutical care - A systematic review. **Res Social Adm Pharm**, *[S. l.]*, v. 17, n. 9, p. 1523–1531, 2021. DOI: 10.1016/j.sapharm.2020.12.002.

DO, Tina *et al*. Advancing ambulatory pharmacy practice through a crisis: Objectives and strategies used in an ambulatory care action team's response to the COVID-19 pandemic. **American journal of health-system pharmacy: AJHP: official journal of the American Society of Health-System Pharmacists**, *[S. l.]*, v. 78, n. 8, p. 720–725, 2021. DOI: 10.1093/ajhp/zxab063.

EDREES, Heba *et al*. Intelligent Telehealth in Pharmacovigilance: A Future Perspective. **Drug Safety**, *[S. l.]*, v. 45, n. 5, p. 449–458, 2022. DOI: 10.1007/s40264-022-01172-5.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 maio 2026.

MARTE, Francheska *et al*. Impact of a Pharmacist-Managed Telemedicine Pharmacotherapy Clinic in the Era of COVID-19. **J Pharm Pract**, *[S. l.]*, v. 37, n. 5, p. 1066–1072, 2024. DOI: 10.1177/08971900231210156.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NAKANISHI, Masanori *et al*. Impact of pharmacist intervention for blood pressure control in patients with chronic kidney disease: A meta-analysis of randomized clinical trials. **J Clin Pharm Ther**, *[S. l.]*, v. 46, n. 1, p. 114–120, 2021. DOI: 10.1111/jcpt.13262.

PARK, Ji-Eun *et al*. Impact of a pharmaceutical care service for patients with rheumatoid arthritis using a customised mobile device (the PROUD trial): study protocol for a randomised controlled trial. **BMJ open**, *[S. l.]*, v. 12, n. 6, p. e061917, 2022. DOI: 10.1136/bmjopen-2022-061917.

QUEIROZ, Reijane Mara Pinheiro *et al*. Implementação do serviço de teleconsulta farmacêutica para pessoas com diabetes mellitus: foco no autocuidado apoiado. **Experiências Exitosas de Farmacêuticos no SUS**, *[S. l.]*, v. 7, n. 7, p. 15–22, 2021. DOI: 10.14450/2526-2858.v7.e7.a2021.pp15-22.

ROCHA, Priscilla Alves; TOMA, Tereza Setsuko. Uso de telefarmácia para atenção a pessoas com doenças crônicas transmissíveis: uma revisão de escopo. **Research, Society and Development**, *[S. l.]*, v. 12, n. 3, p. e28712340719–e28712340719, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i3.40719.

SEGAL, Eve M. *et al*. Establishing clinical pharmacist telehealth services during the COVID-19 pandemic. **Am J Health Syst Pharm**, *[S. l.]*, v. 77, n. 17, p. 1403–1408, 2020. DOI: 10.1093/ajhp/zxaa184.

SHDAIFAT, Mu'min Billah M.; KHASAWNEH, Rawand A.; ALEFAN, Qais. Clinical and economic impact of telemedicine in the management of pediatric asthma in Jordan: a pharmacist-led intervention. **J Asthma**, *[S. l.]*, v. 59, n. 7, p. 1452–1462, 2022. DOI: 10.1080/02770903.2021.1924774.

SILVA, Luanna Gabriella Resende Da *et al*. Implementation of pharmaceutical care: Important aspects for a lasting service. **Braz. J. Pharm. Sci. (Online)**, *[S. l.]*, v. 61, p. e23856–e23856, 2025. DOI: 10.1590/s2175-97902025e23856.

SNOSWELL, Centaine L *et al*. Synchronous telepharmacy models of care for adult outpatients: A systematic review. **Res Social Adm Pharm**, *[S. l.]*, v. 21, n. 1, p. 1–21, 2025. DOI: 10.1016/j.sapharm.2024.10.005.

SOUZA, Marcela Tavares De; SILVA, Michelly Dias Da; CARVALHO, Rachel De. Integrative review: what is it? How to do it? **Einstein (São Paulo)**, *[S. l.]*, v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010. DOI: 10.1590/s1679-45082010rw1134.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Noncommunicable diseases**. Geneva: World Health Organization, 2021. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/noncommunicable-diseases. Acesso em: 20 mar. 2026.

YIP, Olivia *et al*. Comparison between in-person, telehealth, and combination visits among veterans treated in a pharmacist-led diabetes management clinic. **J Am Pharm Assoc (2003)**, *[S. l.]*, v. 64, n. 4, p. 102121–102121, 2024. DOI: 10.1016/j.japh.2024.102121.

YOSHIGA, Bruna Miyuki *et al*. Implementação de consulta farmacêutica pós-alta hospitalar para pacientes transplantados hepáticos. **Journal of Hospital Pharmacy and Health Services**, *[S. l.]*, v. 16, n. 4, p. e1284–e1284, 2025. DOI: 10.30968/jhphs.2025.164.1284.